

# ARTEFILOSOFIA

Revista do Programa de Pós-graduação em Filosofia da UFOP

ISSN: 2526-7892

## EDITORIAL

Apresentamos o 29º número da revista Artefilosofia, com o dossiê “Figurações e interlocuções: a questão feminina em Walter Benjamin”, organizado por Isabela Pinho e Patrícia Lavelle. O dossiê aborda um tema recente no debate acerca desse autor tão profícuo, com artigos de pesquisadoras renomadas, como Jeanne-Marie Gagnebin, Olgária Matos, Katia Muricy e Carla Damião, e demais contribuições, além da tradução *Quatro cartas de Walter Benjamin a Herbert Belmore*, feita por Susana Kampff Lages e Vanessa Räbel, e do texto *Metafísica da juventude*, por Isabela Pinho. Nas seções correntes da revista, trazemos ainda artigos de temas diversos e a resenha de Marcuse, *filósofo da utopia*, de Nick Thorkelson, assinada por Imaculada Kangussu.

Neste segundo semestre do ano de 2020, a equipe editorial da revista foi consideravelmente ampliada, contando agora com mais dois editores adjuntos, Anna Luiza Coli e Daniel Pucciarelli, a profissional de Social Media Júlia Viana de Paula, e o editor de Layout Alexandre José Arantes. Essas adições à equipe contribuem para o dinamismo e profissionalismo da publicação, beneficiando a comunidade filosófica e a difusão do conhecimento. Este é também o último número da revista a funcionar no modelo de periodicidade semestral. A partir de 2021, a ArteFilosofia adere ao regime de publicação contínua (*Rolling Pass*), com o propósito de integrar melhores práticas editoriais.

Boa leitura!

Equipe Artefilosofia

## Figurações e interlocuções: a questão feminina em Walter Benjamin

Embora não fosse poeta e tivesse uma formação filosófica, Walter Benjamin (1892-1940) pensava poeticamente. É o que afirma Hannah Arendt sobre seu amigo e correspondente. De fato, em sua obra vasta e heterogênea, em grande parte póstuma, Benjamin reunia materiais diversos com os quais construía metáforas e inventava narrativas que se relacionam intimamente a elementos teórico-conceituais. Como mostram os artigos reunidos neste dossiê, representações do feminino, cujo sentido pode variar de acordo com o contexto, em diferentes figurações e ficções, aparecem em muitos de seus textos. E é através de tais imagens ficcionais que um de seus primeiros ensaios coloca a questão do que seria uma cultura feminina ou uma linguagem feminina. Trata-se de *Metaphysik der Jugend* (GS, II, I 1977), cuja primeira seção, traduzida por Isabela Pinho, compõe este número temático de Artefilosofia, que inclui também a tradução, por Susana Kampff Lages e Vanessa Räbel, de uma série de cartas da juventude de Benjamin, cuidadosamente anotadas por Susana.

Como o ensaio, estes documentos também eram até aqui inéditos em português, e permitem contextualizar e problematizar o surgimento das figurações do feminino na obra de Benjamin – complexo temático e metafórico importante que os artigos reunidos nesse dossiê se propõem a discutir. Figuras femininas como a prostituta, a mãe, a avó materna, a lésbica, Safo, entre outras, aparecem na obra de Benjamin desde o chamado período de juventude, como em “Metafísica da Juventude” – comentado nos artigos de Isabela Pinho e Katia Muricy – até seus textos mais tardios, como nos ensaios sobre Baudelaire (1939), no *Livro das Passagens* (1935-40), passando por *Rua de mão única* (1926), *Infância em Berlim por volta de 1900* (1933-35), e *Imagens de Pensamento* (1925-35).

Por outro lado, se a primeira recepção de Benjamin privilegiou suas amizades com Theodor Adorno, Gerschom Scholem e Bertoldt Brecht, descobertas recentes sobre o papel de Hannah Arendt na conservação de versões manuscritas de textos publicados apenas postumamente, como as chamadas teses “Sobre o conceito de história”, chamam a atenção para a importância desta interlocutora na conservação e na interpretação de seu pensamento, como sugere o artigo de Patrícia Lavelle. Neste sentido, também merece destaque a colaboração com a atriz e diretora teatral letona Asja Lacis, co-autora do ensaio sobre Nápoles, a quem Benjamin dedicou *Rua de mão única* (1928). Além de tê-lo apresentado a Brecht, Lacis teria também contribuído para aproximá-lo do marxismo. Sobre esta relação, tanto o artigo assinado conjuntamente por Alessandro Vorussi, Márcio Jarek e Raquel Zanini quanto o de Virginia Mota trazem interessantes contribuições.

Este dossiê reúne ainda artigos que, como o de Jeanne Marie Gagnebin ou o de Olgaria Mattos, discutem as representações do feminino na dinâmica amorosa, e/ou também se interrogam sobre as posições do próprio Benjamin face às diversas formas de opressão de mulheres. Desde a perseguição às bruxas associada à destruição dos manuscritos das sibilas, tal como apresentada no artigo de Carla Damião, até formas mais recentes e insidiosas de desvalorização da produção intelectual de mulheres, praticadas até pelo próprio autor, como mostra o trabalho de Kátia Muricy. Neste sentido, os cursos oferecidos no verão de 1913 pelo

neokantiano Heinrich Rickert, que abordava o feminino como esfera axiológica de seu *Sistema de Valores*, constituem fontes importantes para uma reflexão crítica sobre o uso de representações femininas como metáforas teóricas no *corpus* benjaminiano, como vemos no artigo de Patrícia Lavelle. No estudo de Daniel Alves Gilly de Miranda e Juliana de Moraes Monteiro, as figurações benjaminianas do feminino e suas relações com a erótica, a arte e a política são colocadas em diálogo com teorias de gênero contemporâneas.

Se o método benjaminiano consiste em dar potência ao passado apontando no presente o que nos constitui como esquecimento, o seguimos também ao ter como objetivo dar potência ao que permanece em sua própria obra como esquecido e silenciado. Nesse sentido, não a consideramos como um troféu para o cortejo dos vencedores, mas a tomamos à contrapelo, sem esquecer que “todo monumento de cultura é também monumento de barbárie”.

*Bildung*, contribuição artística de Leila Danziger, sugere ainda outros entrelaçamentos entre cultura e barbárie, trazendo elementos para uma reflexão sobre monumento, formação e memória no contexto da emigração judeu-alemã nos anos 1930. Agradecemos a ela também a bela imagem da capa, feita especialmente para esse número temático de Artefilosofia.

Patrícia Lavelle  
Isabela Pinho